

# | 468 | AS CIDADES (INTER) MÉDIAS NO DESENVOLVIMENTO

## REGIONAL: UM ESTUDO SOBRE PAU DOS FERROS (RN)

*Joseney Rodrigues de Queiroz Dantas, Maria do Livramento Miranda Clementino*

### **Resumo**

Os estudos sobre as cidades médias no Brasil ganham destaque no meio acadêmico e na elaboração de políticas públicas nos anos 1970. Com o novo contexto econômico da globalização e as reconfigurações territoriais, alguns autores tem proposto a utilização do termo cidade intermédia ou cidade intermediária, em cujo escopo está embutido critérios de natureza qualitativa, dentre eles a idéia de um espaço de relações estruturados em nós e fluxos. Na região Nordeste, o processo de urbanização foi lento, atomizado, geográfico e economicamente disperso, o que resultou numa rede urbana truncada, constituída principalmente por suas nove capitais regionais e cerca de duas dezenas de cidades de porte médio, em sua maioria interiorizadas. É a partir dessa ‘rede urbana nordestina interiorizada’ que nos propomos a estudar a cidade de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte e o papel que ela desempenha na rede urbana nordestina e potiguar. Compreender os determinantes da produção do espaço urbano-regional de Pau dos Ferros que o caracterizam como cidade (inter) média, com fins a refletir sobre o seu papel no desenvolvimento regional é o objetivo geral desta pesquisa. Nossa principal hipótese é que, a despeito de um contingente populacional pequeno, Pau dos Ferros vem desempenhando na rede urbana do Nordeste e do Rio Grande do Norte as funções de intermediação, particularmente, na oferta dos serviços de educação superior e saúde, além da oferta de empregos, notadamente no comércio e nos serviços públicos, o que nos permite tratá-la à priori como uma cidade (inter) média.

**Palavras-chave:** cidades médias, produção do espaço urbano-regional, Pau dos Ferros.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

As cidades médias tornam-se objeto de atenção nos anos 1960, nas políticas de desenvolvimento e ordenamento do território em vários países europeus. De acordo com Ferrão et al (1994), os objetivos do planejamento visavam por um lado, a continuidade do crescimento da economia, e por outro lado, corrigir eventuais desarranjos na organização do território, no sentido de evitar excessiva concentração de população e de atividades, estimulando assim, os mecanismos de desconcentração.

No Brasil, os estudos sobre “cidades médias” ganham destaque no meio acadêmico e na elaboração de políticas públicas, especialmente, com as políticas de planejamento urbano e regional a partir dos anos 1970. O processo de concentração da produção e da riqueza e o conseqüente processo de migração que a acompanhou, impulsionou a elaboração de políticas de desconcentração urbano-regional que visavam fortalecer cidades de médio porte no sentido de conter os fluxos migratórios e amenizar os problemas tipicamente urbanos, como o problema das moradias, por exemplo.

Essa política de desconcentração urbano-regional que resultou em certo fortalecimento das cidades médias foi interrompida na década de 1980, como resultado da crise instalada na economia do país, a partir da qual, a política governamental passou a priorizar a estabilidade monetária em detrimento da continuidade do projeto de desenvolvimento econômico regional, afetando não apenas as áreas mais dinâmicas do país, mas também as demais regiões.

As mudanças ocorridas na economia mundial, dentre as quais destacamos o acentuado processo de internacionalização dos fluxos de capital e de mercadorias, com seus consequentes impactos na organização da produção, parecem ter impulsionado novamente o interesse pelas chamadas cidades médias. De acordo com Amorim Filho e Serra (2001), as cidades médias continuam a ser valorizadas como fator de equilíbrio para as redes e hierarquias urbanas, bem como por exercer as funções de relação e intermediação com as grandes cidades e com as pequenas cidades e o meio rural.

É nesta perspectiva que o presente artigo se propõe a estudar o papel desempenhado por Pau dos Ferros-RN na raia divisória<sup>1</sup> do Rio Grande do Norte-Paraíba-Ceará. A escolha da cidade de Pau dos Ferros, localizada na região semiárida nordestina e com distância superior a 400 km de Natal, a capital do Rio Grande do Norte, se dá pelo fato da importância que essa cidade representa para o interior potiguar concretizada pela ampla região de influência que ultrapassa sua respectiva microrregião, se estendendo inclusive para além dos limites estaduais. Esta cidade é de certa forma beneficiada pela concentração de fluxo de população, mercadorias e dinheiro, que circunda essa região fronteiriça entre os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba.

Ao atuar como centro de comércio e serviços diversificados (educacional, notadamente), Pau dos Ferros-RN, aparece como Centro Sub-Regional A, classificada em terceiro lugar na hierarquia da rede urbana brasileira<sup>2</sup>, pelo mais recente estudo do IBGE sobre cidades, o REGIC – Região de Influência das Cidades.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Messias Modesto Passos para designar a região fronteiriça entre os estados São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup> No topo da hierarquia estão as metrópoles, que se constituem nos 12 principais centros urbanos do país; em seguida as capitais regionais, 70 centros que se relacionam com o extrato superior da rede urbana, no Rio Grande do Norte, encontram-se nesta categoria Natal (nível A) e Mossoró (nível C); em terceiro lugar na hierarquia estão os centros sub-regionais, 169 centros com atividades de gestão menos complexa, estão nesta categoria no Rio Grande do Norte, Caicó e Pau dos Ferros (nível A) e Açu e Currais Novos (nível B). (IBGE, 2008).

Importante salientar que a posição de polo regional, assumida por Pau dos Ferros não é recente. Apesar de terem ocorrido algumas variações no período<sup>3</sup>, esta cidade se caracteriza como polo regional no comando de sua região, estabelecendo relações próprias.

### **CIDADES MÉDIAS: algumas reflexões sobre conceitos e definições**

O termo “cidade média”, apesar de muito utilizado, não possui uma definição teórica precisa, e muito menos consensual. Nos diversos estudos existentes sobre esse tipo de cidade, é comum encontrarmos as expressões “cidade de porte médio”, “cidade de média dimensão”, “cidade intermédia/intermediária”, “centros regionais e sub-regionais” com o mesmo significado ou com significado similar ao de “cidade média”.

Os primeiros conceitos de cidade média levavam em conta critérios estritamente quantitativos, em especial a dimensão populacional. De acordo com Amorim Filho e Serra (2001), não existia uma idéia consensual do que seriam as cidades médias, e o critério demográfico era capaz apenas de identificar o grupo ou a faixa que pode conter as cidades médias.

Um segundo critério bastante utilizado pela literatura para classificar as cidades médias é sua funcionalidade, sua centralidade urbana e administrativa, bem como seu papel no desenvolvimento regional. As principais funções dessas cidades seria reduzir os movimentos migratórios através da ampliação da oferta de empregos e serviços à população do meio rural e das cidades menores no seu entorno. (ESTEBAN y LÓPEZ, 1989).

No Brasil os parâmetros utilizados seguiram o padrão internacional, com o privilégio dos aspectos quantitativos. Na época, foram elaborados alguns atributos para a definição de quais cidades seriam consideradas cidades médias. Amorim Filho e Serra (2001) sintetizam esses atributos em: interações constantes com seu espaço regional subordinado e aglomerações superiores; tamanho demográfico suficiente para desempenhar o papel de centro de crescimento regional; capacidade de receber e fixar migrantes servindo como pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades; e diferenciação do espaço intra-urbano, com centro funcional e uma periferia dinâmica.

Para os autores, esses atributos refletem algumas das razões pelas quais a preocupação com as cidades médias tenha adquirido visibilidade e amplitude nas discussões e na política nos anos 1970, uma vez que, os principais objetivos das políticas urbanas

---

<sup>3</sup> Em 1966, no primeiro estudo sobre rede urbana, realizado pelo IBGE, Pau dos Ferros foi considerada Centro Sub-Regional B, posição que perdeu nos dois estudos subsequentes (no estudo de 1978 foi considerado Centro de Zona e no de 1993 foi considerado de centralidade nível ‘Médio’); no último Regic, Pau dos Ferros retoma a posição de Centro Sub-regional e ascende para o nível A. (IBGE, 2008).

implantadas no período buscavam: promover maior equilíbrio interurbano e inter-regional; interromper o fluxo migratório para as grandes cidades; e multiplicar os postos avançados da expansão do sistema capitalista. (AMORIM FILHO e SERRA, 2001, p. 9).

A partir de meados dos anos 1980 e, principalmente na década de 1990, a crise e a instabilidade econômica interromperam as transformações que vinham ocorrendo na distribuição regional da indústria, fazendo com que o processo fosse de certa forma, revertido, voltando a produção a se reconcentrar nas áreas mais dinâmicas do Centro-Sul do país.

Nesse sentido, Araújo (2000) afirma que as mudanças políticas e econômicas ocorridas no âmbito nacional tendem a romper a prioridade dada à montagem de uma base econômica que ia lentamente desconcentrando atividades para as regiões periféricas. Esse fenômeno torna-se mais grave quando se verifica a guerra fiscal entre os Estados para consolidar alguns pontos de dinamismo em suas áreas de atuação. As regiões transformam-se em plataformas para atrair investimentos e a ação pública passa a subsidiar custos de implantação.

Essa opção dos grupos econômicos trabalharem apenas nos espaços mais dinâmicos, sem que o Estado contrabalance essa tendência, faz com que o recorte macrorregional torne-se insuficiente para explicar a diferença entre os vários espaços, de modo que cada grande região tem pedaços competitivos e espaços em abandono.

[...] Onde o capital produtivo não constitui o setor hegemônico da economia, o Estado não se obriga, necessariamente, a viabilizar as condições de produção e reprodução do capital e da força de trabalho. (CLEMENTINO, 1995, p. 30).

Dantas e Clementino (2012) destacam que o acentuado processo de internacionalização dos fluxos de capital e de mercadorias, com seus consequentes impactos na organização da produção, parecem ter impulsionado novamente o interesse pelas chamadas cidades médias, ao mesmo tempo em que impuseram reformulações nos seus papéis.

Dentre essas reformulações, ganham destaque o fortalecimento do papel de articulação e intermediação desempenhado pelas cidades médias como fundamental para a implantação, o desenvolvimento e a expansão de eixos e corredores de transportes e comunicações, de redes de todo tipo e de redes especiais, tais como as das tecnopóles; e a

análise de características até então não contempladas nos estudos e projetos das cidades médias, como qualidade de vida, questões relativas a patrimônio e identidade, bem como aquelas referentes a valores, motivações e preferências sociais e individuais, fortemente correlacionadas com o direcionamento de fluxos turísticos de massas humanas cada vez maiores.

É nesse novo contexto econômico da globalização e das reconfigurações territoriais que uma gama de autores tem proposto a utilização do termo cidade intermédia ou cidade intermediária, em cujo escopo está embutido critérios de natureza qualitativa, dentre eles a idéia de um espaço de relações estruturados em nós e fluxos. O conceito de cidade intermédia/intermediária introduzido pelo francês Michel Gault no final dos anos 1980 “valoriza os critérios de natureza qualitativa em detrimento da excessiva rigidez demográfica.” (AVELINO, 1999, p. 466).

“O duplo sentido de intermédio/intermediário sugere a ideia de um espaço de relações (entre cidades e entre cidades e regiões), estruturados em nós e fluxos, onde a ‘cidade intermédia’ é (ou pode e deve ser) um mediano, um ponto de encontro e de passagem obrigatória.” (FERRÃO, et al, 1994, p. 1128).

Para alcançar tal integração, a cidade deve possuir boa rede de comunicações, nível de instrução e de capacidade de investigação superior à média, ambiente residencial atrativo, diversidade de oportunidades de emprego, núcleo urbano central eficiente, forte apoio às atividades culturais e instituições públicas ativas.

O grupo espanhol coordenado por Josep Llop Torné e Carme Bellet Sanfeliu, contempla cidades que estão na faixa de 20.000 a 2.000.000 de habitantes. Para Sanfeliu(2000), a definição da ‘cidade intermédia’ deve privilegiar os contextos territoriais e socioeconômicos dos diversos estados e nações em que estas cidades estão localizadas, bem como o papel de intermediação entre as grandes áreas urbanas e amplos espaços rurais que estão em sua área de influencia.

En primer lugar debemos apuntar que las situaciones intermedias necesitan referirse a unos contextos territoriales concretos y definidos, necesitan referenciarse a las redes y jerarquías urbanas existentes em diferentes áreas y contextos socioeconómicos, de la misma manera que la definición de ciudad es diferente en los diferentes estados y naciones ya que parte de una realidad

socioeconómico y cultural determinada. En segundo lugar debemos apuntar que las ciudades intermedias lo son por el papel de intermediación que cumplen entre las grandes áreas urbanas y amplias áreas rurales de las que son centro de influencia. (SANFELIU, 2000, p. 6)

Importante destacar, que no Brasil a rede urbana é desigual e diferenciada, inclusive no que se refere à concentração das metrópoles e das grandes cidades nas regiões Sudeste e Sul do país, o mesmo ocorrendo com as cidades médias.

Em estudo recente sobre cidades médias Castello Branco afirma:

[...] como em todo estudo sobre a rede urbana brasileira, apresenta grande desigualdade na distribuição espacial das cidades aqui consideradas como de nível médio e também uma grande diversidade interna dos atributos selecionados para análise. (CASTELLO BRANCO, 2006, p. 268).

Nesse sentido Pereira (2007) afirma que os estudos sobre as cidades médias no Brasil devem estar calcados numa concepção, em rede, da cidade e da região, numa perspectiva que priorize, mais que a dimensão demográfica, a forma como a cidade média se articula com o sistema urbano.

A aceleração do processo de urbanização no Brasil a partir dos anos 1960, bem como a consequente reorganização do sistema urbano se deu sob os impactos da industrialização com todas as características de um país periférico.

No Nordeste, o processo de urbanização foi lento e atomizado, “(uma) urbanização geográfica e economicamente dispersa, constituída principalmente por suas nove capitais regionais e cerca de duas dezenas de cidades de porte médio, muitas delas interiorizadas” (CANO, 1989, p. 68).

Em pesquisa recente, Pontes (2006)<sup>4</sup> identificou 21 cidades médias na região Nordeste, são elas: Caxias, Imperatriz e Timon (MA); Parnaíba (PI); Sobral e Juazeiro do Norte (CE); Mossoró (RN); Campina Grande (PB); Caruaru, Garanhuns, Petrolina e Vitória de Santo Antão (PE); Arapiraca (AL); Alagoinha, Barreiras, Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna, Jequié, Juazeiro e Vitória da Conquista (BA).

Apesar das especificidades de cada cidade apontadas no estudo, a autora apresenta algumas características comuns às cidades médias nordestinas, entre as quais

---

<sup>4</sup> A autora utilizou a base de dados do REGIC 1993, publicado pelo IBGE em 2000.

destacamos: tendência à migração campo-cidade em virtude da estagnação de atividades primárias em várias áreas do Nordeste; progressiva terciarização da economia com a presença de estruturas heterogêneas; as mudanças e modernizações ocorridas no período recente não foram suficientes para proporcionar melhores condições de vida à população nordestina; o desemprego e a pobreza ainda persistem nas cidades médias estudadas; verificou-se ainda, graves problemas pertinentes à saúde, à educação, ao saneamento básico, aos déficits ocupacionais e ao transporte urbano. (PONTES, 2006).

O mais recente estudo do IBGE sobre cidades - REGIC, também destaca a existência de duas dinâmicas distintas na rede urbana nordestina: uma do interior, outra do litoral especificamente das capitais, tanto para comércio como para serviços.

A rede urbana dessa região [Nordeste] é fortemente comandada pelas capitais dos estados, apoiada em poucos centros do interior, como os de Campina Grande (PB), Juazeiro-Petrolina (BA-PE), Caruaru (PE), Mossoró (RN), Juazeiro do Norte-Crato-Barbalha (CE), Feira de Santana, Ilhéus-Itabuna e Vitória da Conquista (BA). (IBGE, 2008, P.143).

É a partir dessa perspectiva que buscamos compreender as funções urbanas de Pau dos Ferros-RN, cidade encravada no semiárido nordestino, no desenvolvimento regional e de ordenação do território e o papel que ela desempenha na sua região de influência que perpassa a raia divisória RN-PB-CE. À priori essas funções seriam oferecer empregos suficientes para acolher a população rural do entorno e absorver a população dos núcleos urbanos saturados e facilitar as condições de vida (educação, saúde, lazer e moradia).

De acordo com Pereira (2007), um estudo que se propõe a pensar a cidade intermédia em sua relação com a região implica uma análise das relações, fluxos e processos que condicionam a produção da cidade bem como seu papel regional.

Nesse sentido pautamos nossa pesquisa não apenas na importância econômica da cidade de Pau dos Ferros-RN ou de suas funções urbanas no Rio Grande do Norte, mas também nos propomos a discutir como esta cidade se relaciona com sua região de influência e com outros centros.

## **PAU DOS FERROS NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Pau dos Ferros está situado na Mesorregião Oeste do Rio Grande do Norte, Microrregião de Pau dos Ferros, distante 400 km de Natal, a capital do Estado. A área total

do município é de 259,96 km<sup>2</sup>, equivalente a 0,52% da superfície estadual com uma área urbana de aproximadamente 5km<sup>2</sup>. (COSTA, 2010).

Pau dos Ferros está localizado na região de fronteira com os Estados do Ceará e da Paraíba, encravada num 'triângulo' formado pelas antigas Capitais Regionais<sup>5</sup> de Mossoró (RN), Campina Grande (PB) e Juazeiro do Norte (CE), na chamada 'rede urbana nordestina interiorizada'<sup>6</sup>.

De acordo com o estudo "Caracterização e tendências da rede urbana" do IPEA (2002), a rede urbana do Nordeste tem como característica mais evidente a grande concentração no eixo litorâneo, decorrente da ocupação secular ao longo do litoral, da importância das relações comerciais com o exterior, e das disparidades intra-regionais, além das condições naturais adversas presentes em grande parte do interior.

Essa "herança secular" tem se evidenciado na existência, até hoje, de uma malha urbana mais densa no litoral, onde se localizam as capitais estaduais, com exceção de Teresina no Piauí, e uma rede urbana menos densa, irregular, e fragmentada no interior dos estados.

Partimos da hipótese de que a influência de Pau dos Ferros ultrapassa os limites do Rio Grande do Norte. Mesmo que a priori, Pau dos Ferros, não apresente as características mais comuns de uma cidade média, sua localização fronteiriça reforça a sua influência no desenvolvimento regional e reforça suas funções urbanas, chegando a municípios do Ceará e da Paraíba. É comum tratar Pau dos Ferros como uma 'cidade de fronteira' ou 'cidade fronteiriça'.

Diante das restrições político-administrativas vinculadas à noção de fronteiras internas (entre estados federados) para um estudo em que a dimensão espacial é norteadora do desenvolvimento regional, optamos por construir uma "Raia" para denominar essa região.

Para a construção da noção de "raia de fronteira" nos apoiamos no trabalho de Passos (2009). Para este autor, "as fronteiras são raias, áreas de intergradação nas quais os processos se manifestam segundo uma lógica de descontinuidade objetiva da paisagem". (PASSOS, 2009, p. 1)

Passos identifica no Brasil algumas "raias divisórias" que necessitam de análise no sentido de revelar suas potencialidades culturais, sociais e econômicas com o objetivo de

---

<sup>5</sup> Cano (1989); Andrade (1987).

<sup>6</sup> Cano (1989); IPEA (2002); IBGE (2008).



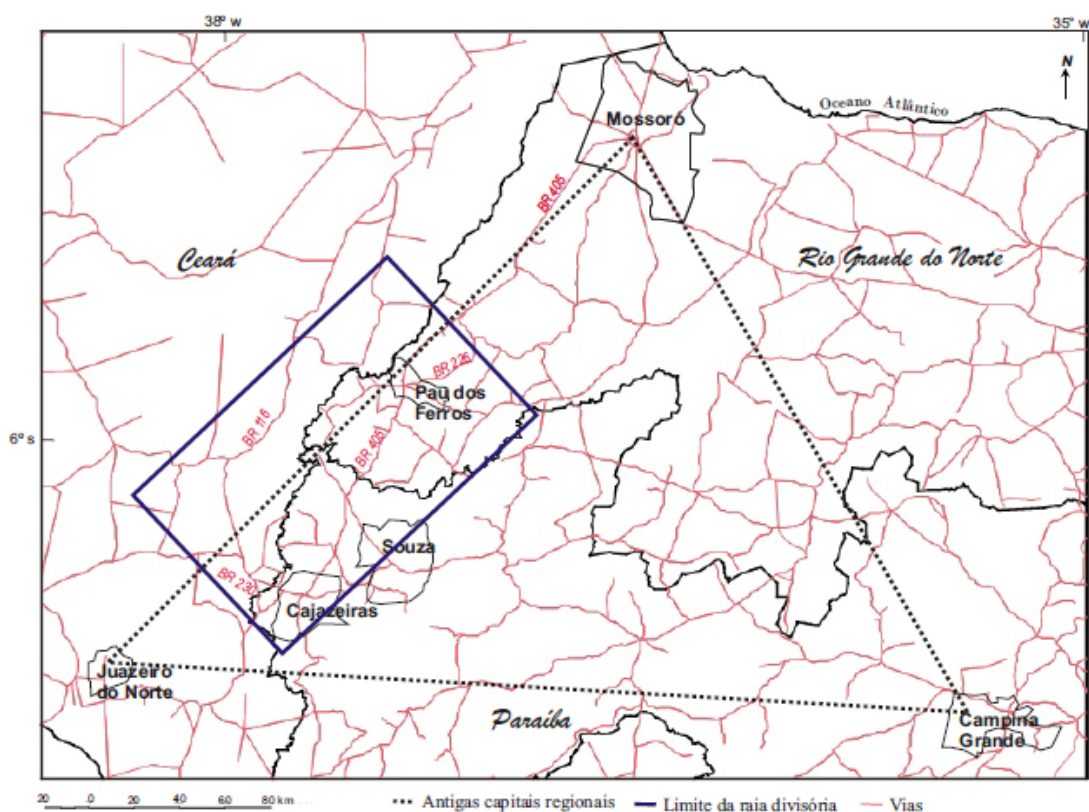
implantar planos de desenvolvimento regionais capazes de superar o estágio de periferia em que vivem tendo como mote a integração regional.

Na região Nordeste, o autor cita o Vale do Rio Grande, Oeste do Estado da Bahia, no qual ocorreram dois modelos de ocupação, um baseado na cultura dos sertanejos, seguindo um padrão tradicional e confinado e o outro 'dos sulistas' que ali implantaram a monocultura da soja a partir dos anos 1970.

Para a construção da Raia Divisória retomamos a configuração das antigas capitais regionais nordestinas, constituídas pelo Triângulo Mossoró (RN), Campina Grande (PB) e Juazeiro do Norte (CE), onde as "cidades médias" Cajazeiras (PB), Sousa (PB) e Pau dos Ferros (RN) desempenham funções urbanas importantes ainda hoje.

A Raia Divisória Rio Grande do Norte-Paraíba-Ceará será composta pelos municípios que são 'cortados' pelas rodovias federais que perpassam o interior dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará (BRs 405, 226, 230 e 116) e/ou que estão no interior do 'retângulo' formado pelo encontro dessas rodovias.

Pau dos Ferros está localizado no interior do retângulo formado pelo encontro de quatro rodovias federais (BRs 405 e 226 no RN, BR 230 na PB e Br 116 no CE), mais precisamente na intersecção das BRs 405 e 226, o que permite a cidade constituir-se num entroncamento de vias de circulação e nó de tráfego, envolvendo pessoas, capitais, informações, mercadorias e serviços. Ver mapa 1, a seguir.



Mapa 1 - A Raia Divisória RN-PB -CE formada pelos entroncamentos viários

Fonte: Malha do IBGE 2000. Elaborado por Rosana França da Silva.

Em termos de rede urbana potiguar, Pau dos Ferros se configura como principal cidade das microrregiões de Pau dos Ferros, Serra de São Miguel e Umarizal, as quais contabilizam 37 municípios e uma população de 242.021 habitantes, dos quais 162.219 (67,03) é população urbana. (IBGE, 2010).

A população do município de Pau dos Ferros era, em 2010, 27.733 habitantes, dos quais 25.535 residiam na sede do município. A taxa de urbanização do município é crescente e ocorre desde os anos 1960, acentuada pelo desmembramento de 03 municípios (Riacho de Santana, Rafael Fernandes e Encanto). Nas últimas décadas, o processo de urbanização acelerou-se ainda mais, a taxa de urbanização alcançou 85,38% em 1991 e 90,12% em 2000 (COSTA, 2010) e atingiu o percentual de 92,07 em 2010. (IBGE, 2010).

No gráfico abaixo podemos ver a evolução da população de Pau dos Ferros de 1960 até 2010.

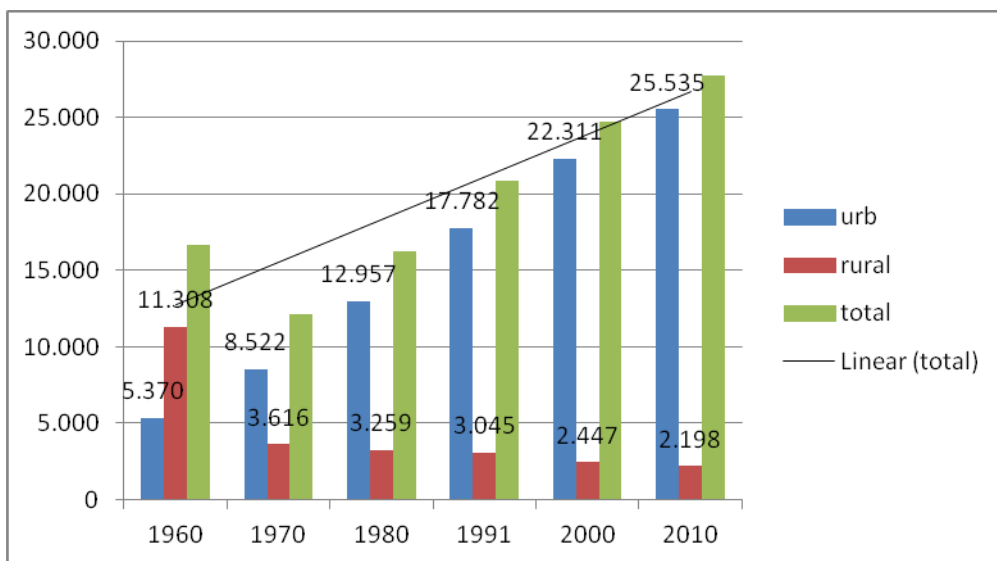


Gráfico 1 – Evolução da população de Pau dos Ferros (urbana e rural) de 1960 até 2010.

Fonte: IBGE, Censos Demográficos.

Elaboração da autora.

Esse crescimento da população urbana pressionou a ampliação da área urbana. Segundo Costa, entre 1987 e 2008 a área urbana passa de 2,26 km<sup>2</sup> para 4,85 km<sup>2</sup>, “percebe-se uma duplicação da área urbana da cidade de Pau dos Ferros, com expansão em todas as direções, principalmente nas porções sul, norte e noroeste da cidade” (COSTA, 2010, p. 60).

A despeito da pequena dimensão populacional, sua posição geográfica, associada ao processo histórico de ocupação do solo urbano, onde foram instalados alguns dos principais serviços públicos estaduais e federais, bem como diversas atividades comerciais, fizeram da cidade de Pau dos Ferros o polo regional de atividades socioeconômicas no ‘Alto Oeste Potiguar’.

Em termos econômicos, assiste-se a predominância do setor terciário com participação no PIB de 79,8 em Pau dos Ferros. Importante salientar que a participação do setor público nos serviços também é bastante significativa, sempre acima de 40%, o que confirma a importância da presença do Estado na região; presença que tem se ampliado na última década com a interiorização do ensino superior com a ampliação dos cursos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), nos níveis médio e técnico, com a implantação de um Campus do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e, mais recente com a implantação de um Campus da Universidade Federal do Semiárido (UFERSA).

Salientamos que o aumento do investimento do setor público na interiorização do ensino superior tem sido acompanhado por instituições privadas que também estão se

instalando no local. O mesmo acontecendo com a área de saúde privada que também tem se expandido no período recente. Steinberger e Bruna (2001) ressaltam a relevância das cidades médias no sentido das mesmas serem elos de ligação entre os espaços urbano e regional e entre os interesses públicos e privados.

Como já apontamos anteriormente, a condição de “cidade polo” exercida por Pau dos Ferros não é recente, além de aparecer desde o primeiro estudo do IBGE sobre cidades na categoria de centro sub-regional, em estudo realizado pelo Governo do Rio Grande do Norte nos anos 1960, intitulado “Regiões Polarizadas do Rio Grande do Norte”, Pau dos Ferros se configura como região-Polo do Estado Potiguar.<sup>7</sup> (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1968).

Ao tratar da área de influencia de Pau dos Ferros, destaca:

Em torno da cidade de Pau dos Ferros, antigo centro de negócios pecuários, se organiza a região do Alto Oeste, sendo que sua posição primacial decorre de sua função comercial [...], que se desenvolveu pelo fato da cidade ser um entroncamento viário – RN13 (Moçoró-Luiz Gomes), RN16 (Pau dos Ferros-Alexandria), RN17 (Pau dos Ferros-São Miguel). Apoiada na sua função comercial surgiu a função bancária (Banco do Nordeste do Brasil S/A), a função educacional (2 escolas secundárias, com 319 alunos) e a função médico-hospitalar (5 médicos, dois hospitais, com 30 leitos). (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1968, p. 43).

Importante ressaltar que a especificidade da localização geográfica de Pau dos Ferros num entroncamento viário já era considerada à época fundamental para sua condição de polo regional, com destaque para as atividades comerciais existentes na cidade, importância que persiste e se acentua com o crescimento da cidade. O mapa da área urbana de Pau dos Ferros mostra que a rede urbana se estende às margens da BR 405 - (antiga RN 13) que corta cidade de norte a sul e da RN 117 (antiga RN 17) que perpassa Pau dos Ferros de leste a oeste, esta última, será interligada à BR 226, a qual tem início em Macaíba (RN) e atravessará Pau dos Ferros com destino ao estado do Tocantins.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Este estudo teve por objetivo identificar os centros polarizadores de 2ª e 3ª categoria no Rio Grande Norte, e utilizou a metodologia proposta pelo Francês Michel Rochefort.

<sup>8</sup> A BR 226 é uma rodovia transversal brasileira, que liga Natal a Tocantins. Seu percurso atravessa o Rio Grande do Norte de leste a oeste e passa pelo interior dos estados do Ceará do Piauí e do Maranhão, chegando a Tocantins, onde integra o percurso da Rodovia Belém-Brasília. <http://pt.wikipedia.org/wiki/BR-226>.

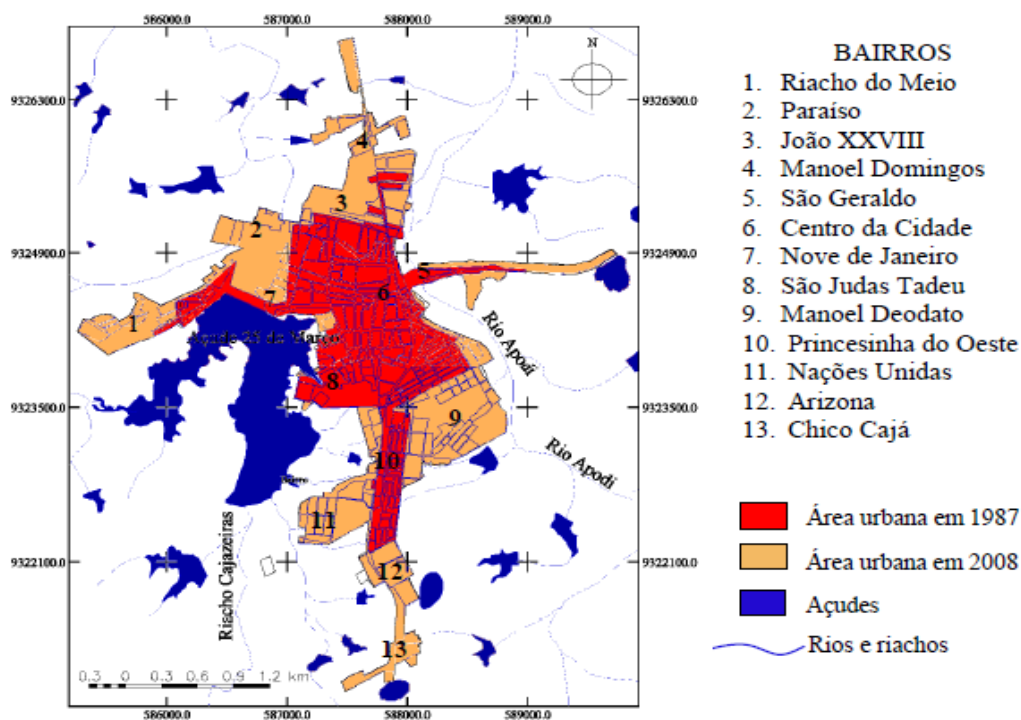


Figura 1 – Carta da expansão urbana de Pau dos Ferros-RN – (1987-2008)

Fonte: Costa (2010)

As regiões Sul e Sudeste da cidade foram as que apresentaram maior crescimento. A existência de prédios públicos como o Campus da UERN e o Hospital Dr Cleodon Carlos de Andrade (HCCA) construídos na década de 1980 e a recente construção do Campus do IFRN contribuíram para a expansão do bairro Princesinha do Oeste e para o surgimento dos bairros Arizona, Nações Unidas e Chico Cajá. Segundo Costa (2010), além dos prédios públicos, a construção de estabelecimentos comerciais e de residências tornaram esses bairros os responsáveis pelo maior adensamento populacional entre 1987 e 2008.

Para além da expansão do perímetro urbano de Pau dos Ferros, chamamos a atenção para a expansão da sua área de influencia no intuito de compreender sua dinâmica urbano-regional e sua importância para o desenvolvimento da região.

Na definição da área de influencia de Pau dos Ferros, utilizamos 03 critérios: 1) os dados de relacionamentos do REGIC (IBGE, 2008); 2) os dados de origem residencial dos alunos matriculados nos cursos de graduação do Campus Universitário da UERN em Pau dos Ferros (2010 - 2012) e; 3) os municípios localizados num raio de 100km formado a partir da sede do município de Pau dos Ferros.

Os dados do REGIC apontam a configuração de uma área de influencia de 45 municípios (39 no Rio Grande do Norte, 02 na Paraíba e 04 no Ceará). No total, Pau dos

Ferros foi citado 151 vezes, apresentando uma intensidade de relacionamentos bem superior ao outro Centro Sub-regional A no Rio Grande do Norte (Caicó - citado 120 vezes).<sup>9</sup> Acreditamos que esse destaque assumido por Pau dos Ferros nos relacionamentos com outras cidades deve-se em grande parte a sua localização às margens de duas rodovias federais (BRs 405 e 226) e o fato de estar localizado na Raia Divisória RN-PB-CE, bem como a própria distância dos dois grandes centros do Estado (Natal e Mossoró), o que faz com que haja grande convergência de pessoas em busca dos mais variados produtos e serviços em Pau dos Ferros.

O segundo critério utilizado para a definição da área de influencia de Pau dos Ferros foram os municípios de origem dos alunos matriculados no Campus da UERN em Pau dos Ferros no biênio 2010-2012<sup>10</sup>. Com a utilização deste critério tivemos a inserção de 14 municípios, além dos residentes em Pau dos Ferros, tem alunos estudando no Campus da UERN e realizando movimento pendular, 57 municípios (45 do Rio Grande do Norte, 08 da Paraíba e 04 do Ceará).

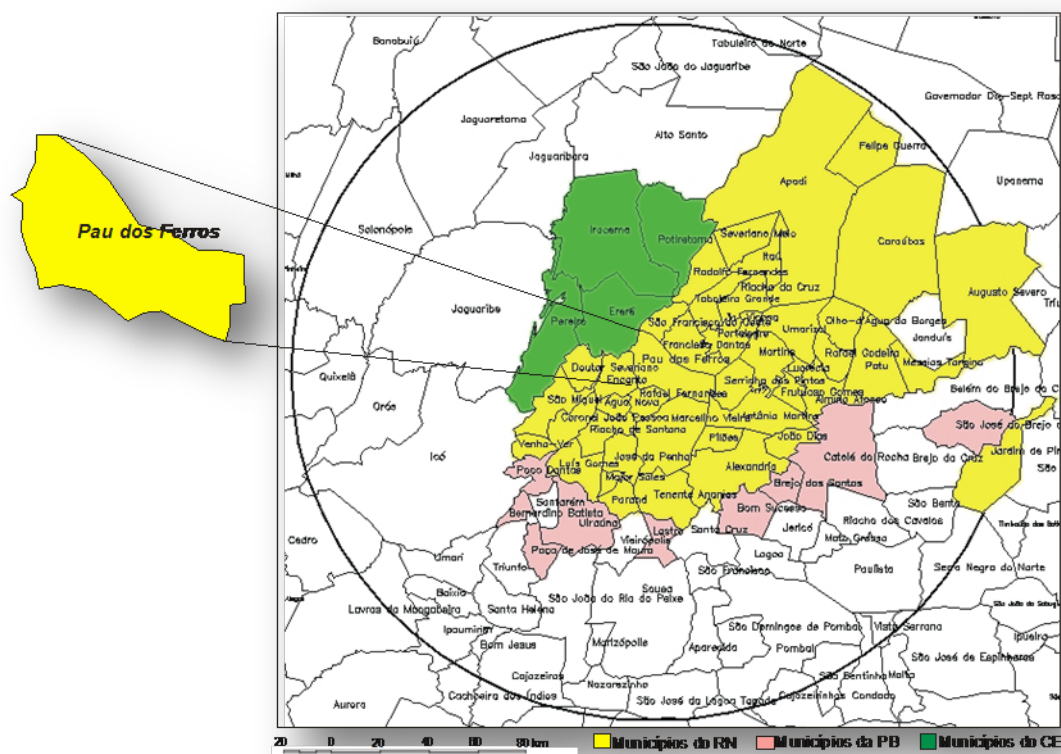
A presença os dois principais centros urbanos do Estado - Natal e Mossoró - além de outras cidades distantes como Caicó, nos suscitou a utilizar um terceiro critério, a distância. Dada a especificidade da região em que está localizada Pau dos Ferros (uma cidade fronteiriça), bem como a irregularidade da rede urbana potiguar, adotamos o raio de 100km como parâmetro auxiliar na definição de sua área de influencia. Essa escolha pelo raio de 100 km se dá também em virtude de ser essa a distância média encontrada pelo IBGE (2008) nos deslocamentos das pessoas para cursar ensino superior.

Diante do exposto, nesta pesquisa a área de influencia de Pau dos Ferros foi definida pelos municípios citados no REGIC e/ou com alunos matriculados nos cursos de graduação da UERN em Pau dos Ferros, desde que estejam dentro do raio de 100 km medido a partir da sede do município. A área de estudo ficou, portanto, configurada e passa a ser composta por Pau dos Ferros e 55 municípios (42 no Rio Grande do Norte, 09 na Paraíba e 04 no Ceará). Conforme mapa abaixo.

---

<sup>9</sup> Essa discussão foi feita anteriormente por DANTAS & SILVA (2011).

<sup>10</sup> A escolha das matrículas na UERN como parâmetro para a definição da área de influencia, deve-se ao fato de ter sido a primeira instituição de ensino superior em Pau dos Ferros - única até o início dos anos 2000.



Mapa 4 - Área de estudo

Cartografia: Rosana França da Silva, 2012.

Somadas as populações desses municípios, inclusive Pau dos Ferros, tínhamos em 2010, nessa área, 440.877 habitantes, dos quais 281.890 (63,94%) residiam na área urbana (IBGE, 2010).

Importante destacar que tomando o raio de 100 km a partir da cidade de Pau dos Ferros, não há sequer um município com população superior a 100 mil habitantes em qualquer dos três estados fronteiriços. Em todo o Rio Grande do Norte, somente 02 (dois) municípios estão na faixa acima de 200 mil habitantes: Parnamirim, na Região Metropolitana de Natal e Mossoró na região Oeste (distante 150 km de Pau dos Ferros). Natal, a capital do Estado à 400 km tem mais de 800 mil habitantes. IBGE (2010).

Em termos funcionais e de centralidade Pau dos Ferros tem despontado como centro de serviços, com oferta de educação de nível superior e serviços de saúde tanto no âmbito público como privado; essa ampliação no setor de serviços tem atraído pessoas de outros municípios e da área rural em busca de emprego urbano. A mobilidade pendular de pessoas seja para trabalho, ou para estudo tem sido facilitada pelo fato de Pau dos Ferros está localizada num entroncamento rodoviário e numa região fronteiriça entre estados,

conforme apontamos anteriormente. A diversidade do comércio é outro determinante para que Pau dos Ferros se mantenha como polo regional e amplie sua região de influencia.

Essa característica de centro de serviços tem acentuado o papel de intermediação assumido por Pau dos Ferros e contribuído para o desenvolvimento da sua região que se expande para os estados da Paraíba e do Ceará.

### **Considerações Finais**

O panorama aqui traçado visou dar um primeiro passo no sentido de uma investigação sobre a importância de Pau dos Ferros para o desenvolvimento de sua região de influencia e o papel que desempenha na rede urbana nordestina, em especial na área de fronteira dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, a qual denominamos Raia Divisória RN-PB-CE.

O que podemos observar nesse estudo foi a ampliação da rede urbana de Pau dos Ferros-RN, ampliação que se deve em especial à interiorização da educação superior e à descentralização dos serviços de saúde, os quais tem contribuído para a atração de investimentos privados nas respectivas áreas, para a dinamização da economia da cidade e para a ampliação da sua área de influencia que se estende para além das fronteiras do Rio Grande do Norte.

Consideramos a expansão do ensino superior, a partir da década de 2000, inicialmente na rede pública e posteriormente na rede privada, como um diferencial para a configuração urbano-regional de Pau dos Ferros, uma vez que tomando apenas as matrículas dos cursos de graduação da UERN, delimitamos uma área de abrangência com mais de 50 municípios que se expande para os estados da Paraíba e do Ceará. Ressalte-se que em 2011, tínhamos mais de 1600 alunos estudando no Campus universitário da UERN, a maioria de outros municípios que realizam fluxos diários em direção a Pau dos Ferros.

Levando-se em conta que além da UERN, atuam no ensino superior em Pau dos Ferros duas instituições federais, o IFRN e a UFERSA, e duas instituições privadas (Universidade Anhanguera e Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar – FACEP), essa área de atuação e o movimento pendular de pessoas só tende a se ampliar.

Tomando por base a importância regional na prestação dos serviços de educação superior e a densidade dos fluxos que diariamente se direcionam para Pau dos Ferros, apresentamos a proposição de que está se constituindo na rede urbana potiguar e na raia divisória RN-PB-CE um aglomerado urbano-regional descontínuo formado por Pau dos Ferros e sua hiterlândia.



## REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo; SERRA, Rodrigo V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, Thompson A.; SERRA, Rodrigo V. **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ARAÚJO, Tania B. (2000). *Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências*. Rio de Janeiro: REVAN.

AVELINO, José L. O papel das cidades intermédias na promoção do desenvolvimento regional: o caso do sistema urbano local de Santarém/Almerim/Cartaxo. In: CONGRESSO DE GEOGRAFIA PORTUGUESA, 3, set. 1997. Porto, Portugal. **Anais...** Porto-PT: 1997, p. 465-473.

CANO, Wilson. Urbanização: sua crise e revisão de seu planejamento. In: **Revista de Economia Política**. Vol. 9, n 1. São Paulo: jan-mar. 1989, pp. 62-82.

CASTELLO BRANCO, Ma. Luiza. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, Maria E. B.; SOBARZO, O. (Orgs.) **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão popular, 2006.

COSTA, Franklin R. **Inundações urbanas no semi-árido nordestino: o caso da cidade de Pau dos Ferros-RN**. Natal/RN, 2010, 87p. Dissertação de Mestrado. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

CLEMENTINO, Maria do Livramento M. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal/RN: Ed UFRN, 1995.

DANTAS, Joseney R. Q.; SILVA, Franciclécia de S. B. A (re)organização sócio-espacial no Rio Grande do Norte e suas implicações para o Alto Oeste: particularidades sobre Pau dos Ferros. In: **Revista de Desenvolvimento Econômico**. Ano XII, nº 24, Salvador/BA: dez. 2011, pp 35-44.

\_\_\_\_\_; CLEMENTINO, M<sup>a</sup>. Livramento M. Reestruturação produtiva e as novas configurações das cidades médias potiguares: estudo preliminar sobre Pau dos Ferros-RN. In: **Revista de economia regional, urbana e do trabalho**. V. 01, nº 01, Natal/RN: abr. 2012.

ESTEBAN, Alfonso de; LÓPEZ, Alejandro. El papel de las ciudades medias em España: presente y futuro. In: **Revista Arquitectura COAM**. nº 6, Madri-ES: 1989, pp 6-16.

FERRÃO, João; HENRIQUES, Eduardo B.; NEVES, Antonio O. Repensar as cidades de média dimensão. In **Análise Social**. vol XXIX, Lisboa-PT: 1994pp. 1123-1147.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Regiões polarizadas do Rio Grande do Norte**. Natal-RN: Departamento de Serviço Social do Estado, 1968.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região de Influência das Cidades - 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

\_\_\_\_\_. **Resultados do Censo 2010**. IBGE, 2010. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacao\\_por\\_municipio\\_zip.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/populacao_por_municipio_zip.shtm). Acesso em: 14 de dezembro de 2010.

PASSOS, Messias M. A construção da paisagem na raia divisória São Paulo-Paraná-Mato Grosso do Sul. In ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12, Abr. 2009 - Montevideo, Uruguay. **Anais...** Montevideo, Uruguay: 2009, 20p.

PEREIRA, Anete M. **Cidade média e região: o significado de Montes Claros no norte de Minas Gerais**. Uberlândia/MG, 2007, 351p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

PONTES, Beatriz M. S. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, Maria E. B.; SOBARZO, O. (Orgs.) **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão popular, 2006.

SANFELIU, Carme Bellet . **Ciudades intermedias y urbanización mundial: una visión general a finales del siglo XX**. Resistência: [s.n], 2000. 6 p. (Documento 8 do projeto Ciudades intermedias y urbanización mundial). Disponível em: <http://paeria.es/cimes/> .

STEINBERGER, Marília; BRUNA, Gilda C. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ANDRADE, Thompson A.; SERRA, Rodrigo V. **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.